

PROFESSORES E O ENVELHECIMENTO: REALIDADES E ESPECIFICIDADES NO CONTEXTO PORTUGUÊS

Teachers and aging: realities and specificities in a portuguese context

ALVES, Kelly da Silva¹

LOPES, Amélia²

RESUMO

Nos últimos anos, a maioria dos trabalhadores foi confrontada com a obrigação de trabalhar mais cerca de dez anos do que previsto, em consequência da extensão da idade da reforma. Também os professores são abrangidos por esta nova situação. Dadas algumas especificidades da profissão docente, quer quanto à natureza da atividade realizada, quer quanto à diversidade de situações que inclui (por exemplo, os setores de ensino), no estudo que sustenta este artigo, pretendeu-se produzir dados preliminares relativamente à perspectiva de professores sobre o envelhecimento em geral e o seu envelhecimento no exercício da profissão docente. No estudo exploratório recolheram-se narrativas biográficas de duas professoras portuguesas, uma do Ensino Superior e outra do ensino pré-escolar. As narrativas nos revelaram que há uma profunda relação do processo de envelhecimento com dimensões centrais da profissionalidade docente em geral e específicas aos níveis de ensino. A paixão pelo trabalho docente esteve presente nas narrativas, assim como o desencanto causado pelas condições de trabalho e as políticas educativas atuais em Portugal, o que tornou evidente a necessidade de tomadas de decisão políticas para melhorar este quadro. Igualmente necessária revelou-se a questão de se pensar melhor a preparação dos professores/as para a fase posterior ao exercício profissional efetivo.

Palavras-chave: Professores. Envelhecimento. Trabalho docente.

ABSTRACT

In recent years, most workers were confronted with the obligation to work over about more ten years than expected as a result of the extension of the retirement age. Also, teachers are covered by this new situation. Given some specifics of the teaching profession, either as to the nature of the activity carried out, either on the diversity of situations including (for example, education sectors), in the study that supports this article, it was intended to produce preliminary data on the prospect of teachers on aging in general and its aging in the exercise of the teaching profession. In the exploratory study, there were collected biographical narratives of two portuguese teachers, a higher education and other pre-school education. The narratives revealed that there is a profound relationship of the aging process with key dimensions of the teaching profession in general and to specific levels of education. The passion for teaching was present in the narratives, as well as the disenchantment caused by working conditions and current educational policies in Portugal, which made evident with the need for policy decision-making to improve this situation. Also seen as necessary, was the question of better preparation of teachers / as for the subsequent phase to the active professionals.

Keywords: Teachers. Aging. Teaching.

¹ Mestre em Ciências da Educação pela Universidade do Porto, Licenciatura Plena em Matemática pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Pesquisadora em estágio de integração e investigação sobre "Práticas e identidades profissionais de professores e o envelhecimento", vinculada ao Centro de Investigação e Intervenção Educativas (CIEE) da Universidade do Porto. E-mail: <alveskelly31@yahoo.com.br>.

² Doutora em Ciências da Educação e Professora Catedrática da Universidade do Porto na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação/Departamento de Ciências da Educação. E-mail: <amelia@fpce.up.pt>.

INTRODUÇÃO

A questão do envelhecimento apresenta-se marcante no século XXI, como um paradoxo entre o aumento da esperança de vida e o lugar que o indivíduo mais velho ocupa na sociedade. Diante das mudanças ocorridas no cenário mundial em relação ao envelhecimento da população, alguns estudos abordam o impacto desse envelhecimento no trabalho.

Com efeito, o novo contexto poderá originar desafios num futuro próximo. Como prevê a OCDE³ “[o] futuro mercado de trabalho europeu será confrontado simultaneamente com uma população em envelhecimento e uma diminuição do número de jovens” (COMISSÃO EUROPÉIA, 2010, p. 3). Essa diminuição do crescimento demográfico surge como ameaça para o equilíbrio financeiro dos sistemas de proteção social e dos regimes de pensões, pois “[o] envelhecimento da população tem grandes implicações para as políticas sociais e econômicas” (JOLIVET; LEE, 2004, p. 3).⁴

Neste sentido, uma questão importante para a gestão dos recursos humanos passa a ser a manutenção do emprego dos mais velhos, ou seja, um atraso na idade da reforma a fim de conter os gastos com as pensões. A idade da reforma, em Portugal, sobe para os 66 anos em 2014, com exceção das profissões consideradas mais ‘penosas’⁵, aumentando de forma progressiva nas próximas décadas, em linha com a evolução da esperança média de vida – em 2016 é de 66 anos e 2 meses de idade, segundo a Portaria nº 277/2014 (PORTUGAL, 2014).

De acordo com as recomendações de organizações internacionais, como a OCDE ou a Comissão Europeia, uma lógica de envelhecimento ativo, através de políticas de incentivo como trabalho a tempo parcial no final da carreira e reforma progressiva, substitue a lógica de redução da vida profissional com medidas de pré-reforma (JOLIVET; LEE, 2004, p. 32-33).

Os professores, de todos os níveis de ensino, fazem parte desta força de trabalho agora chamada a prosseguir cerca de mais dez anos, fato passível de implicações na vida desses professores, que se deixarem de trabalhar antes da idade estabelecida para reforma estarão sujeitos a um desconto no cálculo, referente ao tempo que falta para essa, conforme a Portaria nº. 277/2014.

Em uma Tribuna pública em defesa de uma reforma digna, ocorrida em Lisboa, em janeiro de 2015, professores reformados há alguns anos disseram que se sentem prejudicados com as perdas sofridas com a reforma, que chegam a 25%, com cálculos agravados e penalizações com o Coeficiente de sustentabilidade. Em apoio aos professores, a Federação Nacional dos Professores – FENPROF, de Portugal, defende um regime especial para docentes – que a reforma não dependa da idade,

³ Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico.

⁴ Tradução das autoras de “The ageing population has great implications for social and economic policies” (JOLIVET; LEE, 2004, p. 3).

⁵ Profissões consideradas de natureza penosa ou desgastante: mineiros, trabalhadores marítimos, profissionais de pesca, controladores de tráfego aéreo, bailarinos, trabalhadores portuários e bordadeiras da Madeira (Guia Prático-Pensão velhice 2016. Instituto da Segurança Social, I. P.).

que haja menos perdas para quem sai para reforma e que tenha em conta o grande desgaste físico e psicológico causado pela profissão (SIC NOTÍCIAS, 2015).

A mudança substancial dá-se aos níveis de ensino da Pré-escola e 1º Ciclo do Ensino Básico, para os quais o Estatuto da Carreira Docente previu, desde o início, um regime de reforma especial, devido a especificidade desses níveis de ensino – regime de monodocência,⁶ sem redução horária ao longo da carreira, como visto nos demais níveis de ensino. Quanto aos professores dos restantes níveis de ensino, houve uma diminuição de reduções horárias (LUSA, 2016).

A profissão docente é “[...] uma arte, uma arte e um ato feitos de símbolos, de cuidados, de fazer e refazer o outro pelo conhecimento” (STANO, 2001, p. 60) e, simultaneamente, como diz Cau-Bareille (2014, p. 65), referindo-se a professores de todos os níveis de ensino, envolve “um trabalho ‘exigente, difícil’, uma atividade multifuncional que implica uma mobilização física, afetiva e subjetiva permanente”.

A estas características do trabalho docente, por si mesmas de alto risco, associam-se, também nos últimos anos, medidas de política educativa (nacional e internacional), com impacto direto na intensificação do trabalho e na satisfação dos professores. O acréscimo de tempo de exercício, associado à intensificação do trabalho docente decorrentes das políticas educativas e das mudanças organizacionais ocorridas nas instituições de ensino, podem levar ao “desgaste organizacional”.

[...] as condições de trabalho em sentido lato desempenham um papel preponderante entre os fatores de desgaste, seja de natureza física ou psicológica. Os modos de organização e gestão atuais produzem provavelmente uma acentuação deste desgaste no trabalho. (LAPEYRE; THEBAUD apud CAU-BAREILLE, 2014, p. 62)

Os níveis de ensino têm importante papel nas diferentes formas de perceber o impacto do trabalho docente no processo de envelhecimento do professor, pois pesquisas revelam que existem peculiaridades em função do nível, que devem ser consideradas nesta análise. Por exemplo, segundo Moreira e Vieira (2014, p. 62), os professores universitários “associam a possibilidade de uma velhice saudável com a manutenção da atividade profissional”. Já os professores do Pré-escolar associam ao envelhecimento dificuldades na realização de determinadas tarefas, o que, segundo Cau-Bareille (2014, p. 67) se deve ao fato de “O ensino na Pré-Escola [requerer] uma atividade física muito significativa, que parece mais difícil de manter com a idade”.

Cau-Bareille (2009) realizou um estudo com 40 professores de diversos níveis de ensino e com mais de 50 anos de idade, com o intuito de compreender as motivações, que estão na origem do pedido de saída antecipada para a reforma. O estudo revelou que 25% dos pedidos de reforma antecipada, são de professores que trabalham no primeiro grau, em especial na Pré-escola, e mostra, ainda, algumas especificidades desse nível de ensino.

O trabalho de Moreira (2011), realizado com professores universitários, com mais de 60 anos, de entre os quais alguns tinham idade para se reformarem, teve o

⁶ Regime que prevê um único professor por turma.

propósito de entender os motivos que mantêm estes professores na atividade docente. O estudo revelou que, para tais professores, “a aposentadoria é atraente se pensada como um benefício, e não como o encerramento das atividades profissionais” (MOREIRA, 2011, p. 549). Os professores França e Vaughan (2008), identificam que trabalhadores mais velhos desejam manter-se ativos na sociedade, através do trabalho e associam a este uma velhice bem-sucedida.

Giatti e Barreto (2003) relacionam as questões de saúde com a manutenção do trabalho docente após os 60 anos. Jesus e Rezende (2009), Diener (2000) e Mascaro (2004) exploram as questões do bem-estar dos professores e relacionam este com a manutenção e a satisfação no trabalho docente.

Embora adquirindo significados diferentes em função dos indivíduos e grupos, no caso dos professores em função dos setores de ensino a que pertencem, a reforma pode ser vista como um “tempo de ‘dar pousada’ a um novo ser” (STANO, 2001, p. 106). A nova realidade no que toca as possibilidades de reforma obriga então, a colocar duas questões centrais: que impactos individuais e que impactos no exercício profissional provocará o alargamento da idade da reforma dos professores por mais dez anos?

Se tivermos em conta o critério de Mascaro (2004) para uma velhice bem sucedida, ao relacionar a garantia de uma velhice saudável com a manutenção da atividade como “conexão com a vida” – seríamos levados a pensar que a manutenção do trabalho pode ser, para os professores, fonte de qualidade de vida na velhice, mas é também certo que o trabalho docente se tem revelado cada vez mais penoso.

Dohms e colaboradores (2012), ao abordarem o envelhecimento do professor na sua relação com a construção do ser humano e o bem-estar, concluíram, dizendo: “viver e envelhecer com saúde física, afetivo-emocional e cognitiva é um direito e um dever de todos nós, docentes!” (DOHMS et al., 2012, p. 117). Neri (1995, p. 34) completa esta ideia afirmando: “[...] uma velhice bem-sucedida preserva o potencial individual para o desenvolvimento, respeitando os limites da plasticidade de cada um”.

É objetivo deste artigo, analisar dados de uma pesquisa desenvolvida com o intuito de explorar as perspectivas dos professores sobre o envelhecimento em geral, o seu próprio envelhecimento e o impacto do seu ciclo de vida na sua atividade profissional. Os dados consistem em narrativas biográficas, geradas através de entrevista semidiretiva, de duas professoras com mais de 55 anos de idade, cada, uma do ensino pré-escolar e outra do Ensino Superior universitário.

Com a intenção de prosseguir na realização deste objetivo, abordaremos de seguida aspectos teóricos relacionados com a docência, a qualidade de vida e o envelhecimento. Após expormos sobre os aspectos metodológicos serão apresentados e discutidos os resultados. Conclui-se abrindo perspectivas para futuras investigações.

QUESTÕES DO TRABALHO E O ENVELHECIMENTO

Ao debruçar-se sobre a profissão docente e o envelhecimento, Stano (2001, p. 13) afirma ser necessário “conhecer a dimensão em que o exercício profissional marca

e determina a forma e o próprio caminho do envelhecimento”. Podemos observar que as ideias e conceitos relacionados ao trabalho mudaram consideravelmente ao longo da história, passando da desvalorização da atividade docente, no contexto da pré-modernidade, para um lugar de destaque na vida das pessoas no mundo contemporâneo, capaz de definir a identidade do sujeito e a existência deste, em alguns casos, revelando sua identidade profissional.

Refletir sobre a reforma e o trabalho docente remete-nos à construção da identidade profissional e a relação desta com a identidade pessoal. Segundo Lopes (2001, p. 188):

A identidade profissional é uma identidade social particular (entre outras identidades sociais da pessoa), particularidade que decorre do lugar das profissões e do trabalho no conjunto social e, mais especificamente, do lugar de uma certa profissão e de um certo trabalho na estrutura da identidade pessoal e no estilo de vida do actor.

Stano (2001, p. 32), ao falar em seu trabalho sobre a aposentadoria, ressalta que esta “[...] pode vir a se constituir num estranhamento de si, configurando uma não identidade, se não se mantém um vínculo simbólico (significativo) com o trabalho”. A manutenção desse vínculo, no caso dos/as professores/as dá-se, através da memória do que foi construído e vivido ao longo dos anos de atividade e da relação com o outro (aluno e/ou ex-aluno).

Nessa perspectiva “[...] é o outro que nos confere o sentido social do existir, do estar-no-mundo, de se continuar sendo professor/a mesmo quando no tempo do ‘não sendo mais’” (STANO, 2001, p. 28). Enfim, mesmo na reforma, o professor guarda marcas da docência, pois carrega consigo e em seu discurso vestígios do que foi construído ao longo de seu trabalho, em sala de aula, com seus alunos, entre carteiras, quadros-de-giz e cadernos (STANO, 2001, p. 26). Diante disso, a reforma parece não coincidir com o fim da carreira docente.

O trabalho representa para muitos a concretização de um projeto de vida. De acordo com Moreira (2011, p. 544) “O exercício da profissão pode apresentar uma forma de sentido na vida e tornar única a vida do indivíduo, realizando sua singularidade na relação com os outros e consigo mesmo”. Este sentido emerge não apenas pelo trabalho realizado, mas pelo modo como foi feito. Existirá, então, uma relação entre a vivência do envelhecimento e o ciclo de vida, na sequência do que Nacarato (2000, p. 141-142) destaca a necessidade de o sujeito saber envelhecer, por meio de atitudes pessoais que possam favorecer a manutenção da qualidade de vida.

Chamando a atenção para a possibilidade/necessidade de novas percepções e representações sobre o envelhecimento, Moreira diz que “[...] a velhice, além de ser uma experiência individual, é fruto de um discurso que cria e recria conceitos compatíveis com as necessidades econômicas, políticas, científicas e históricas” (MOREIRA, 2011, p. 543). Neste quadro interessa abordar a qualidade de vida com que os professores realizam o seu trabalho quando ainda em exercício, dimensão que hoje parece ameaçada. A este propósito Stano (2001, p. 43) afirma:

Se os contextos histórico e social interferem e formatam a construção de identidades profissionais, num momento de aniquilamento e de constante desvalorização do

ser professor, provavelmente se essas hodiernas maneiras de se viver o magistério persistirem, o processo de envelhecimento desses profissionais poderá ser reconfigurado e necessariamente outras dimensões aparecerão.

Enfim, se manter uma atividade é importante para a vivência de uma velhice saudável e/ou bem-sucedida, a manutenção do “vínculo profissional não é, necessariamente, um índice de saúde” (MOREIRA; VIEIRA, 2014, p. 62) e, dessa forma, não deve dificultar a descoberta de outras formas de viver bem o processo de envelhecimento.

DOCÊNCIA E QUALIDADE DE VIDA

A docência, em sua essência, é a ação ou resultado de ensinar, que é inerente ao docente; para este, o ensino é a sua dedicação profissional substancial. Como tal, a sua habilidade primordial consiste em ensinar o aluno/a da melhor forma possível. Segundo Dohms (2012, p. 111), “Também podemos associar o bem-estar e a saúde com a satisfação na docência, visto que o sucesso profissional está ligado ao alcance de metas pessoais que contribuem para a QDV⁷ geral do sujeito”.

Sobretudo no Ensino Superior, segundo Jesus (2007, p. 26-27), o bem-estar docente pode ser percebido pela “motivação e realização do professor, em virtude do conjunto de competências (resiliência) e de estratégias (*coping*) que este desenvolve para conseguir fazer frente às exigências e dificuldades profissionais, superando-as e otimizando o seu próprio funcionamento”. Para Dohms (2012, p. 112), “[...] a resiliência pode ser entendida como a capacidade de superação das adversidades de forma positiva. [...] apresenta-se como um elemento essencial para a construção e o desenvolvimento do bem-estar do professor, já que promove sua saúde mental e emocional”.

Porém, as dificuldades enfrentadas pelos/as docentes - decorrentes das políticas educativas atuais, de “fenômenos de desgaste relacionados com prática do mesmo ofício ao longo de toda uma vida de trabalho, [do] olhar duro com que a sociedade vê atualmente o sistema educativo, [da] falta de reconhecimento do trabalho realizado e [dos] problemas de saúde que são mais propensos com o aproximar da reforma” (CAU-BAREILLE, 2014, p. 63) - têm contribuído para a insatisfação dos professores com a profissão e até levado muitos a antecipar a reforma. Com efeito, para alguns a conjugação entre “[a] manutenção da atividade profissional e a possibilidade de viver uma velhice saudável é paradoxal” (MOREIRA; VIEIRA, 2014, p. 62).

Em alguns casos, a necessidade de saída do trabalho impõe-se. Como se concluiu no estudo de Cau-Bareille (2014), 25% dos professores, sobretudo os dos primeiros setores de ensino, decidem reformar-se antes do tempo. Porém, a tomada de decisão é difícil. Segundo Cau-Bareille (2014, p. 63),

Esta decisão resulta principalmente de negociações difíceis entre, por um lado, os fatores que incitam à saída, relacionados com as mudanças na profissão que podem

⁷ Qualidade de vida.

ferir os valores profissionais [e] os fatores que incitam à permanência na atividade, como o prazer de exercer a profissão, ensinar e transmitir conhecimentos e valores aos alunos, [...] e os argumentos financeiros no contexto de prolongamento das carreiras que implica trabalhar mais tempo para receber uma reforma completa.

Independentemente do nível de ensino, pesquisas revelam que o acúmulo de atividades e o aumento de exigências no trabalho “[...] podem causar fenômenos de desgaste a longo prazo, num contexto em que as margens de manobra são relativamente limitadas”. Apesar das experiências acumuladas ao longo da carreira, alguns/umas professores/as afirmam que “[...] seus recursos pessoais para lidar com as exigências diminuí no fim da carreira” (CAU-BAREILLE, 2014, p. 65). O que torna mais difícil a manutenção do bem-estar, nesta fase.

Daí o surgimento de fatores como a fadiga física e outros problemas de saúde, relacionados com as mudanças do cenário do trabalho docente. Com efeito, “[o] termo ‘esgotamento’ é mais referido em fim de carreira do que o termo ‘cansativo’ expresso pelos professores em início de carreira, para marcar a intensidade da fadiga” (CAU-BAREILLE, 2014, p. 66). De acordo com o Sindicato Nacional dos Professores Licenciados pelos Politécnicos e Universidades – SPLIU (LUSA, 2016), o aumento de queixas de professores e relatos de baixas médicas por depressão têm aumentado ao longo do tempo, principalmente quando excedido os 32 anos de serviço. Para Nacarato (2000, p. 144), “[...] a manutenção da atividade profissional na velhice pode trazer grande benefício, desde que sujeita às adaptações necessárias quanto ao horário, carga de trabalho, nível de responsabilidade, etc”.

Ainda, em alguns casos, os problemas de saúde tornam-se mais presentes e mais incômodos com o envelhecimento. Portanto, o reconhecimento das fases do próprio ciclo profissional e seus limites é de fundamental importância. Por isso, o paradigma da qualidade de vida (QVD) deve ser analisado perante várias dimensões, pois além de ser subjetivo, varia com o tempo e é uma medida de percepção pessoal (PAIS-RIBEIRO, 1994, p. 184-185). Também devemos considerar que “[...] a mudança do Estilo de Vida é um processo complexo a merecer atenção cuidadosa” (PAIS-RIBEIRO, 1994, p. 187).

O ENVELHECIMENTO DO PROFESSOR E SUAS ESPECIFICIDADES

O envelhecimento é um processo de desenvolvimento crescente e distinto, pois acontece de forma particular em cada indivíduo. No entanto, apresenta fatores concretos, como a diminuição da força física e o aumento da dificuldade de funcionamento da cognição. Esta tem lugar, sobretudo, “[...] em idosos inativos, independentemente da idade” (CORREIA, 2007, p. 8), fato que nos leva a relacionar a atividade docente com o envelhecimento bem-sucedido, para o qual seria necessário “[...] conservar um elevado nível funcional na área cognitiva e física” (CORREIA, 2007, p. 13).

Dentro da perspectiva de manutenção do funcionamento da área cognitiva e física, percebemos que o próprio docente pode prover, em parte, seu bem-estar pessoal e profissional, utilizando, para isto, algumas estratégias já conhecidas em

sua atividade, de acordo com os ciclos da profissão docente, como por exemplo, a pesquisa, que “[...] sugere um trabalho constante com a busca do relevante, com a procura do novo, do atual” (STANO, 2001, p. 71).

As fases de desenvolvimento da carreira do professor identificadas por Huberman (1989, p. 13-22)⁸ são úteis como orientadoras da análise. No entanto, devemos considerar que o desenvolvimento da carreira docente, por ser um processo subjetivo, não ocorre de forma linear, nem todas as fases profissionais serão experienciadas por todos os professores (HUBERMAN, 1992). Por outro lado, durante o decorrer da carreira profissional, o professor pode experimentar tanto o bem-estar, quanto o mal-estar profissional, dependendo da forma como enfrenta as questões decorrentes do seu contexto de vida e do contexto educativo (DOHMS, 2012).

A subjetividade vivenciada pelo professor na sua praxis vai-se configurando de forma singular, mas carregando códigos próprios e específicos deste grupo profissional. A fase de *desinvestimento*⁹ pode ser consequência de o/a professor/a mais velho/a se sentir rejeitado/a para assumir determinados cargos ou realizar algumas tarefas. Como diz Stano (2001, p. 46), nesses casos, “[e]xcluí-se o sujeito do espaço escolar, negando-lhe o direito de estar, porém [...] permanecendo ainda na temporalidade do ser professor/a”.

Segundo a mesma autora (STANO, 2001, p. 52) “[...] a velhice, na aposentadoria de professores/as, pode significar não a ruptura, mas a continuidade de um sendo que refaz seu existir no tempo”. Enfim, de alguma forma, a professoralidade permanece no/a professor/a: “A especificidade do envelhecimento de professores/as está, justamente, nessa possibilidade de manter traços de sua profissão, principalmente um traço que marca a carreira docente e lhe é peculiar: a capacidade de aprender para poder ensinar” (STANO, 2001, p. 71).

QUESTÕES METODOLÓGICAS

Esta pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de explorar as perspectivas dos professores portugueses sobre o envelhecimento em geral, o seu próprio envelhecimento e o impacto do seu ciclo de vida na sua atividade profissional. Em face destes objetivos, adotou-se um paradigma fenomenológico-interpretativo, que busca “[...] a compreensão das intenções e significações – crenças, opiniões, percepções, representações, perspectivas, concepções, etc. – que os seres humanos colocam nas suas próprias ações, em relação com os outros e com os contextos *em que* e *com que* interagem” (AMADO, 2013, p. 40-41). Tem-se, portanto, em conta que o ser humano não é passivo, mas sim que interpreta o mundo em que vive e interage com este continuamente.

Nesse quadro, e tendo por referência a revisão de literatura antes apresentada,

⁸ Huberman (1989) pesquisou o desenvolvimento da carreira docente e no capítulo inicial da obra “La vie des enseignants – Évolution et Bilan d’une profession”, identifica as fases profissionais que são vivenciadas pelos professores: entrada na carreira; estabilidade; diversificação; pôr-se em questão; serenidade; conservantismo; desinvestimento.

⁹ Cf. Huberman, 1989.

foram recolhidas narrativas biográficas de duas professoras com mais de 55 anos, docentes do primeiro e do último nível de ensino do sistema educativo português – da educação pré-escolar e do Ensino Superior universitário – doravante identificadas respetivamente por P1 e P2. As narrativas biográficas foram recolhidas como casos exemplares (BOLÍVAR, 2006), suscetíveis de iluminarem futuras investigações dentro do referencial apresentado nas secções anteriores deste artigo.

As duas professoras possuem doutorado no domínio das Ciências da Educação. P1 sempre exerceu suas atividades nos Jardins de Infância e é profunda estudiosa das questões de educação deste nível de ensino, o que atribui propriedade aos seus pontos de vista. Tendo escolhido a profissão por motivos extrínsecos - “Olhe, a escolha pela profissão foi um acaso e foi por motivos familiares” (P1) – tem um vínculo afetivo forte com a profissão e, simultaneamente, um olhar pragmático sobre a docência. P2 “[...] quis ser professora desde os primeiros anos de estudo” (P2), exerceu atividade docente noutros níveis de ensino antes de ingressar no Ensino Superior, possuindo, por isso, uma visão alargada sobre a docência, e, mesmo tendo optado pela reforma, ainda mantém forte atividade acadêmica. A professora P1 é casada, não tem filhos, e tem 55 anos de idade e 35 anos de profissão. A professora P2 é também casada e sem filhos, e tem 65 anos de idade, 40 anos de profissão e 02 anos de reforma.

As narrativas foram recolhidas através de uma entrevista semiestruturada, a qual foi orientada pelo guião de entrevista apresentado no Quadro 1.

QUADRO 1 Guião de entrevista

Título: Professores e envelhecimento: realidades e especificidades			
Objetivos gerais: <ul style="list-style-type: none"> - Conhecer as percepções do/a professor/a sobre o envelhecimento em geral; - Conhecer as percepções do/a professor/a sobre o seu próprio envelhecimento; - Perceber o sentido do trabalho docente no processo de envelhecimento da entrevistada e questões sobre a reforma; - Relacionar as percepções sobre o processo de envelhecimento da entrevistada e sua qualidade de vida. 			
Blocos semânticos	Objetivos específicos	Algumas questões	Observações
Bloco introdutório - Legitimação da entrevista e motivação da entrevistada.	- Legitimar a entrevista e motivar a entrevistada.	<ul style="list-style-type: none"> - Informar, de um modo geral, à entrevistada sobre o trabalho de investigação a ser desenvolvido; - Solicitar colaboração da entrevistada, alegando que a sua contribuição é indispensável para o sucesso do trabalho; - Certificar a entrevistada da confidencialidade das suas informações; - Solicitar a permissão para citar, na íntegra ou pequenos excertos, do seu discurso. 	

QUADRO 1 - continuação

Blocos semânticos	Objetivos específicos	Algumas questões	Observações
- Perspectiva sobre o processo do envelhecimento (em geral e para si).	- Conhecer as percepções da entrevistada sobre o processo de envelhecimento em geral e o processo de envelhecimento para si; - Perceber algumas especificidades no processo de envelhecimento da entrevistada.	- Pode descrever-me como é para si o processo de envelhecimento em geral; - Pode dizer-me como percebe seu próprio envelhecimento e suas especificidades (se houver).	
- Perspectiva panorâmica sobre a experiência profissional.	- Conhecer as percepções da entrevistada sobre sua trajetória profissional.	- Pode descrever-me seu ciclo de vida profissional e suas fases; - Relate sobre os motivos que o/a levaram à escolha dessa profissão; - Fale sobre sua satisfação ou insatisfação profissional.	
- A profissão e o envelhecimento.	- Conhecer as percepções da entrevistada sobre o processo do envelhecimento, exercício do trabalho docente e possíveis relações com a qualidade de vida; - Conhecer as percepções sobre a reforma.	- Narrativa sobre as mudanças percebidas em si, no decorrer do trabalho docente. - Sua concepção sobre o trabalho docente mudou ou permaneceu no decorrer dos anos? - Pode dizer-me como vê o seu trabalho hoje; - Do ponto de vista da capacidade de trabalho, fale das suas percepções: 1) Quanto a alguma imposição ao limite de idade para o exercício deste; 2) Quanto ao seu (entrevistado/a) limite de idade para o exercício deste; - Relate sobre o sentido do trabalho para si; - Como relaciona o envelhecimento com o seu trabalho docente? - Fale da sua percepção sobre a reforma; - Para si, a docência influencia na qualidade de vida na velhice? Fale sobre suas percepções.	
- Expectativas de futuro profissional.	- Conhecer as percepções da entrevistada sobre sua atuação profissional na velhice.	- Fale das suas expectativas futuras em relação ao seu trabalho; - Narre sobre a importância do "ser" professor para si.	

Fonte: Elaboração pelas autoras deste artigo.

O tratamento dos dados foi realizado por análise de conteúdo de tipo dedutivo (BARDIN, 1995; L'ÉCUYER, 1990; LOPES, 1993). As categorias de análise basearam-se nos objetivos da pesquisa e na revisão de literatura, que também informaram o guião de entrevista. Assim, as narrativas foram codificadas segundo as categorias e subcategorias apresentadas no Quadro 2:

QUADRO 2
Categorias e subcategorias de análise

Categorias	Subcategorias
Perspectiva sobre o processo do envelhecimento.	Percepções sobre o processo de envelhecimento em geral; Percepções sobre especificidades do seu processo de envelhecimento.
Percepções sobre a sua trajetória profissional.	
Profissão docente e envelhecimento.	Percepções sobre o processo do envelhecimento como docente; Perspectivas sobre a reforma; Perspectivas sobre a relação entre exercício da docência e qualidade de vida.
Expectativas profissionais atuais.	

Fonte: Elaboração pelas autoras deste artigo.

APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção serão apresentados e discutidos os resultados da pesquisa, considerando-se os seguintes núcleos de significado: percepções sobre o envelhecimento; sentido do trabalho; reforma e especificidades no processo de envelhecimento do/a professor/a.

Percepções das professoras sobre o processo de envelhecimento

As percepções de P1 em relação ao processo de envelhecimento em geral estão profundamente relacionadas com questões profissionais.

É um acumular de experiência, é ter maturidade profissional para além de pessoal. É uma maturidade que se vai construindo através de um olhar crítico, construtivo e reflexivo pela experiência que vamos tendo. Portanto há um consolidar de conhecimentos, mas ao mesmo tempo, esta maturidade também nos dá outra ideia, que não podemos parar no tempo, porque se pararmos, como se costuma dizer, perdemos depressa o barco! (P1).

As questões profissionais ficam ainda mais evidentes quando P1 fala sobre o seu próprio envelhecimento:

Olhe! Envelhecimento é uma palavra que me é muito cara! Que me preocupa! Agora noto que, em termos físicos, nós vamos perdendo capacidades devido a idade, e aí... Eu,

por exemplo, o saltar... e o correr... e o andar... acaba por se ter um saltar e um modo de ser, por se adquirir uma postura, já de acordo com alguma fragilidade física. (P1).

Apesar da preocupação com as questões físicas e sua relação com a perda de capacidades, que no decorrer do tempo podem vir a dificultar o desempenho do seu trabalho, percebemos existir satisfação muito positiva no que diz respeito à maturidade associada ao desenvolvimento profissional: “Em termos, digamos intelectuais, em termos de desenvolvimento da profissão, não noto que isso interfira no ato educativo. Acho que até é uma mais valia, esta maturidade” (P1).

Em relação à sua trajetória profissional, P1 percebe bem seu ciclo de vida profissional e suas fases e relata a atual com desencanto e inquietação, “[...] estou numa fase de desencanto e de inquietação, eh!... pelas políticas educativas que nos trouxeram... Por exemplo, a nível pessoal, eu poderia estar a ir para a reforma e, agora, tenho mais onze anos de trabalho. É uma diferença muito grande, em termos dos próprios trabalhos” (P1). Fica assim patente a influência negativa das políticas educativas atuais, no desenvolvimento do ciclo de vida profissional da entrevistada.

Para P2, o envelhecimento é natural – “[...] considero que a pessoa torna-se mais tolerante... mais compreensiva” - e está relacionado com um modo de ver o mundo de forma mais realista – “[...] mas por outro lado, pensando mais nas realidades e não tanto nos sonhos, portanto, fazendo melhor o balanço entre o que é possível e aquilo que não é possível” (P2). Porém, considera que, por vezes, o realismo é excessivo: “[...] às vezes o envelhecimento torna-nos tão realistas que deixamos de fazer algumas coisas que, às vezes, são possíveis” (P2).

Ao falar do seu próprio envelhecimento, P2 relaciona-o com o trabalho docente, “[...] quando interajo com um dos nossos estudantes de dezoito, dezenove, vinte, trinta anos, sinto que rejuvenesço porque vou acompanhando a forma de pensar do jovem, o que são os seus quotidianos”. Por ter uma visão ampla de vários níveis de ensino, P2 fala da mesma forma sobre o envelhecer de um educador de infância, “[...] eu acredito que uma educadora de infância ao interagir com uma criança de três, de quatro ou de cinco anos, ela própria também tem que rejuvenescer na forma de pensar das crianças de três, quatro ou cinco anos, tal como eu” (P2).

Sentido atribuído pelas professoras ao trabalho docente no processo de envelhecimento e questões da reforma

Quando indagada sobre o sentido do trabalho para si, P1 manifesta desejo de continuar a trabalhar: “[o trabalho] é uma realização pessoal e profissional, constrói e reconstrói a nossa maneira de ser e o nosso modo de estar; eu, neste momento, mesmo que viesse para a reforma, eu não me sentiria bem em casa, acho que teria muito mais para fazer” (P1).

Percebe-se, no discurso de P1, um desejo de continuar a intervir no mundo com a sua ação educativa. Porém, tem dúvidas de que possa ter a mesma energia aos 66 anos: “[...] mas tenho receio de não chegar aos sessenta e seis com a capacidade de saber ouvir, de saber falar e de saber fazer com as crianças, [como] tenho hoje.

E isso preocupa-me!” (P1). Explicando melhor esta sua preocupação, faz alusão às políticas que alteraram as suas expectativas:

[...] eu tinha a reforma aos cinquenta e cinco anos, que era agora este ano e agora venho aos sessenta e seis. O meu grande receio é que não consiga ter o espírito criativo, um espírito dinâmico, e o saber escutar e o saber dar colinho, e o saber olhar que eu tenho hoje. Preocupa-me isso, que com o avançar da idade não consiga chegar lá da mesma forma (P1).

As questões das políticas educativas estão presentes na fala de P2 e relacionadas com um descontentamento em relação ao trabalho docente.

[...] fui eu que pedi a minha aposentação e, portanto, podia não ter pedido a minha aposentação e continuar perfeitamente como professora catedrática da faculdade, mas optei por ir embora. Por um lado, para me sentir mais livre, e por que achei que o sistema estava a ser demasiado burocrático. [...] em termos de descontentamento, a profissão também me mostrou que as políticas que são instituídas pelos políticos, pelos vários níveis de decisões políticas, afetam muito a ação e os modos de vida dos docentes. [...] isso é em todos os níveis, quer as políticas da administração central, quer as políticas que são instituídas a nível local (P2).

O sentido do trabalho para P2 reside na ideia de intervir e fazer parte: “[...] é o sentido da participação, é o participar, estar a participar, é estar a fazer parte de um grupo, é intervir” (P2). Fica assim claro que a sua reforma não está relacionada com o desligamento do trabalho docente: “[...] na verdade eu é que decidi ir embora com a aposentação, sendo que continuo a trabalhar, etc, até porque também quero” (P2).

Do ponto de vista de P2, o envelhecimento no trabalho docente está relacionado com a perda de entusiasmo e da capacidade de interagir:

Acho que quando alguém fica desentusiasmado, está mesmo velho, não pode ser docente, [...] o exercício da docência implica sempre esta capacidade de interagir com pessoas com características muito distintas. Se a pessoa perde a capacidade de interagir, então deixa de poder ser docente. (P2)

Especificidades do processo de envelhecimento do/a professor/a

No discurso das entrevistadas, identificam-se especificidades relacionadas com o seu nível de ensino. Para P1 o trabalho com as crianças é uma forma de esquecer o envelhecimento: “[...] o trabalho com as crianças ajuda-nos a esquecer que estamos a caminhar numa idade cronológica mais avançada”. Há também a presença dos afetos e do bem-estar decorrente destes, que para P1 é característica do seu nível de ensino:

[...] principalmente com o meu nível de ensino. Os afetos, que é um nível de ensino de afetos e sorrisos, [...] tudo se desenvolve tendo por base o afeto e os sorrisos, e isso faz-me sentir... faz-me esquecer que estou a ficar velha, em termos de idade. Portanto, isso ajuda o trabalho [...]. É uma virtude! (P1).

Para P2, a docência é fundamental na especificidade do processo de envelhecimento do professor: “Influencia imenso, porque, enquanto se interage, quando se convive

com o distinto, com o diferente, estimula-se”. Refere também uma especificidade relacionada com o seu nível de ensino: “[é a] capacidade..., oportunidade, de trabalhar com pessoas entusiastas que também querem, que também estão interessadas em conhecer, que estão interessadas em debater, em discutir, em analisar” (P2).

A interação com diversas pessoas, proporcionada pela docência está presente na fala de P2, de maneira especial ao tratar a diversidade, como uma riqueza de cunho pessoal: “[...] conviver com diferentes pessoas, pessoas muito distintas, é um fator de enriquecimento também pessoal, pois torna-nos, como Paulo Freire dizia, ‘nos torna mais gente, mais humanos’” (P2).

CONCLUSÃO

Quer o processo de envelhecimento do/a professor/a, quer a consequente reforma surgem de formas diferentes na vida de cada indivíduo, e a maneira como são vividos e percebidos dependerá de vários fatores: sociais, familiares, financeiros, entre outros ligados à sua própria identidade (pessoal e profissional).

Do estudo, ainda que exploratório, ressalta a importância da compreensão desse período por parte dos docentes e mormente das instituições educativas e/ou políticas. Ao analisar as percepções das professoras em relação ao processo de envelhecimento, percebemos a profunda relação deste com dimensões centrais da profissionalidade docente em geral – nomeadamente a relação educativa como encontro de gerações – e específica aos níveis de ensino. A maturidade associada ao envelhecimento foi relatada por ambas as professoras, como uma “mais-valia” para a qualidade de vida, assim como a capacidade de interagir e saber conviver com a diversidade das pessoas e o enriquecimento pessoal, além do profissional.

O sentido do trabalho para estas professoras está diretamente associado à sua realização pessoal através da profissão, dadas as particularidades do trabalho docente. Para elas, ser docente, continuar a ser docente, é estar em “ação”, no sentido de intervir e contribuir para a formação dos jovens, para a sociedade e para o conhecimento. Com efeito, o processo de envelhecimento destas professoras tem especificidades decorrentes da natureza da sua atividade profissional. Para elas, o entusiasmo com a atividade docente diminui-lhes a atenção ao relógio cronológico. Como afirma P1, até “rejuvenesce”.

Estas professoras são um exemplo de como as competências relacionadas com a atividade docente estão muito ligadas à saúde mental e emocional do professor. Como afirma Dohms (2012, p. 116), “Preocupar-se em promover o bem-estar do sujeito e dos demais envolvidos para obter saúde de forma holística e, conseqüentemente, qualidade de vida, parece-nos a chave para um envelhecimento satisfatório e digno, mormente para o docente”. Para tal, torna-se necessária a compreensão da relação do envelhecimento com o trabalho e do significado deste para o indivíduo enquanto professor/a.

No entanto, se a paixão pelo trabalho é evidente nestas professoras, o desejo de continuar na profissão é ofuscado pelo desencanto causado pelas condições de trabalho

e políticas educativas atuais. Com efeito, nada foi ainda feito ao nível do sistema de ensino para que os/as professores/as, que agora ficarão mais uma década no ensino, o possam fazer com qualidade, com vantagens para si e para o sistema educativo.

Há efetivamente necessidade de tomadas de decisão política, quer no que diz respeito ao conjunto de professores/as que trabalhará por mais anos, quer em relação àqueles que entram num período de transição decorrente da desvinculação das funções laborais, provocadas pelo pedido de reforma, quaisquer que sejam as razões para tal. Igualmente importante é a preparação do/a professor/a para a fase posterior ao exercício profissional efetivo.

O quadro teórico de referência deste estudo demonstra-se, através destes dois casos exemplares, capaz de dar conta de aspectos fundamentais associados ao envelhecimento na profissão docente. Estes dois casos expõem também, na sua singularidade, a necessidade de políticas governamentais e locais que permitam a qualidade de vida dos docentes (em funções ou não) e a qualidade da educação. No entanto, dada a extrema diversidade do corpo docente, para se cumprir o objetivo que nos moveu, torna-se necessário alargar a recolha de dados a outros níveis de ensino e a mais professores/as. É esse trabalho que já estamos a desenvolver.

REFERÊNCIAS

AMADO, João. **Manual de investigação qualitativa em educação**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

BOLÍVAR, Antonio. **La identidad profesional del profesorado de Secundaria: Crisis y reconstrucción**. Málaga: Aljibe, 2006.

CAU-BAREILLE, Dominique. Estratégias de trabalho e dificuldades dos professores em fim de carreira: Elementos para uma abordagem sob o prisma do género. **Laboreal**, Porto, v. 10, n. 1, p. 59-78, 2014. Disponível em: <http://laboreal.up.pt/files/articles/59_78.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2015.

CAU-BAREILLE, Dominique. Vécu du travail et santé des enseignants en fin de carrière: une approche ergonomique–Rapport. **Centre d’Etudes et de l’Emploi** [on-line], n. 56, p. 1-65, 2009. Disponível em: <<http://www.cee-recherche.fr/fr/rapports/56-vecu-travail-sante-enseignants-carriere-ergonomique.pdf>>. Acesso em: 2 jun. 2015.

COMISSÃO EUROPEIA. **Comunicado de Bruges sobre o Reforço da Cooperação Europeia no Ensino e Formação Profissionais para o Período de 2011-2020**, 7 dez. 2010. Disponível em: <http://ec.europa.eu/education/policy/vocational-policy/doc/brugescom_pt.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2015.

CORREIA, Paula. Velhos são os trapos: mito ou realidade. **Portugal** [on-line], v. 3, n. 4, 2007. Disponível em: <www.psicologia.com.pt>. Acesso em: 3 abr. 2015.

DIENER, E. Subjective well-being: The science of happiness, and a proposal for national index. **American Psychologist**, American Psychological Association, v. 55, n. 1, p. 34-43, 2000.

DOHMS, Karina. P. et al. Envelhecimento e docência: a busca do bem-estar na construção pessoal e profissional. In: FERREIRA, Jackle et al. (Org.). **Educação & envelhecimento**. Porto Alegre: EdPUCRS, 2012. p. 107-119.

FRANÇA, L. H. F. P.; VAUGHAN, Graham. Ganhos e perdas: atitudes dos executivos brasileiros e neozelandeses frente à aposentadoria. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 207-216, 2008.. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000133&pid=S1414-9893200900040000700015&lng=en>. Acesso em: 12 set. 2015.

GIATTI, L; BARRETO, S. M. Saúde, trabalho e envelhecimento no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.19, n.3, 2003.

HUBERMAN, Michael. La vie des enseignants: **évolution et bilan d'une profession**. (Actualités pédagogiques et psychologiques). Delachaux et Niestlé, Paris, 1989.

HUBERMAN, Michael. O ciclo da vida profissional dos professores. In: NÓVOA, Antônio. (org.) **Vidas de Professores**. Lisboa: Porto Editora, 1992 p. 31-61.

JESUS, Saul Neves. **Professor sem stress**: realização profissional e bem-estar docente. Porto Alegre: Mediação, 2007.

JESUS, Saul Neves; REZENDE, M. Saúde e Bem-estar. In: CRUZ, J.; JESUS, S.; NUNES, C. (Coord.). **Bem-estar e qualidade de vida**: contributos da psicologia da saúde. Porto: Textiverso, 2009.

JOLIVET, Annie; LEE, Sangheon. Employment conditions in an ageing world: Meeting the working time challenge. **Conditions of work and employment series**, International Labour Office, n. 9, 2004. p. 1-38. Disponível em: <www.ilo.org/public/english/protection/condtrav/time/time_publ.htm>. Acesso em: 20 jun. 2015.

LOPES, Amélia. **A identidade docente**: contribuindo para a sua compreensão. Trabalho de Síntese para Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Universidade do Porto: Porto, 1993.

LOPES, Amélia. **Libertar o desejo, resgatar a inovação**: a construção de identidades profissionais docentes. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 2001.

LUSA, "Expresso". **Petição sobre regime especial de aposentaçã do docente sobe ao Parlamento**. 8 jan. 2016. Disponível em: <http://expresso.sapo.pt/politica/2016-01-08-Peticao-sobre-regime-especial-de-aposentacao-do-docente-sobe-ao-Parlamento>. Acesso em: 2 ago. 2016.

MASCARO, Sonia de Amorim. **O que é velhice**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 11-34.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. Imaginários sobre aposentadoria, trabalho, velhice: estudo de caso com professores universitários. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, n. 4, p. 541-550, 2011.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira; VIEIRA, Rosana Figueiredo. Permanência no emprego: velhice saudável ou negação do envelhecimento? **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 9, n. 1, p. 57-63, 2014.

NACARATO, Adair E. C. B. Envelhecer é isto... In: LIPP, M. E. N. (org.). **O stress está dentro de você**. São Paulo: Contexto, 2000.

NERI, Anita Liberalesso. **Psicologia do envelhecimento**: temas selecionados na perspectiva de curso de vida. Campinas, SP: Papirus, 1995.

PAIS-RIBEIRO, José Luís. A importância da qualidade de vida para a psicologia da saúde. **Análise Psicológica**. Lisboa, v. 12, n. 2-3, p. 179-191, 1994. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.12/3090>>. Acesso em: 4 out. 2015.

PORTUGAL. Portaria nº. 277/2014, de 26 de dezembro de 2014. Define o fator de sustentabilidade e idade normal de acesso à pensão de velhice para os anos de 2015 e

2016. Ministério da Solidariedade, Emprego e Segurança Social. **Diário da República de Portugal**, 26 dezembro de 2014, 1. série, n. 249. Disponível em: <<https://dre.pt/application/file/65990839>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

SIC NOTÍCIAS, “Edição da Tarde”. **Professores reformados pedem audiência ao Ministro da Segurança Social**, 29 de jan. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YOg6CRrZQEw>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

STANO, Rita de Cássia M. T. **Identidade do professor no envelhecimento**. São Paulo: Cortez, 2001.

Data da submissão: 22/03/2016

Data da aprovação: 23/08/2016

